



Arthur Coullart/Divulgação

O SAMBISTA MOSQUITO FOI ESCALADO PARA VIVER ZECA PAGODINHO NO LONGA SOBRE O CANTOR

DESCOBRIR QUE TE AMO DEMAIS!

Nosso crítico **Rodrigo Fonseca** relata os bastidores de **'Deixa A Vida Me Levar'**, longa de Silvio Guindane que **recria a vida de Zeca Pagodinho**, de 1982 a 1995, com o **músico Mosquito no papel central**. Páginas 2 e 3



Mosquito mostra desenvoltura diante das câmeras em seu primeiro trabalho como ator

Cinema, leva eu!

Zeca Pagodinho vira filme, numa recriação de sua trajetória, das lutas de moleque suburbano ao sucesso nas rádios, com Silvio Guindane na direção e o sambista Mosquito no papel central

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Comprometido até 19 de dezembro com a turnê “O Maior Encontro Do Samba”, com a qual vai rodar o país em trio com Alcione e Jorge Aragão, de Brasília a Salvador, Zeca Pagodinho não tem shows no Rio agendados para as próximas semanas. Abre brecha para dar um pulinho em Vila Velha, no Espírito Santo, no dia 15 de agosto, para soltar o gogó no Festival Movimento Cidade, no Parque da Prainha. Até lá, é possível que o ator e realizador Silvio Guindane já tenha um primeiro corte de “Deixa a

Vida Me Levar”, a cinebiografia do curió de Xerém. Aposta quente para as bilheterias de 2027, o novo longa-metragem do diretor de “Mussum, O Filmis” (2023) foi rodado ao longo do mês de maio, pegando uma fatia de junho, em vários pontos do Rio, como a Serrinha e o Rio Comprido, rondando o nosso subúrbio, com uma paradinha na Penha, onde o Correio da Manhã teve a chance de acompanhar um dos sets. É o

músico Mosquito (Pedro Assad Medeiros Torres), cria da Ilha do Governador, quem vive o intérprete dos versos “Descobri que te amo demais” em sua fase de galetto ao belo canto, nos anos 1980.

“Pouca gente cantou o Brasil com o Zeca, que é um dos pilares da minha formação musical”, diz Mosquito, enquanto caminhava de uma sequência numa mesa de bar para filmar num carro.

O trecho dá conta de um momento de virada na vida de Jessé Gomes da Silva Filho, que nasceu em Irajá, em 4 de fevereiro de 1959, e foi criado em Del Castilho. É uma hora em que, na busca por independência, ele resolve viver do próprio esforço, sem ser sustentado pela mãe, Dona Irinéa,

e pelo pai, Seu Jessé - vividos no longa por Aline Borges e Ângelo Antônio. Nessa fase, vira apontador do jogo do bicho. A escolha quebra o coração de Irinéa.

“Zeca é um Brasil possível... um Brasil preto e potente... resultante de um sistema que deu errado”, diz Guindane, fiel à pedra fundamental temática (decolonial e autoral) de seu cinema, de fugir do “arquétipo do negro cachaceiro” que agrada as elites. “Com sua arte, que conversa com a esquerda, com a direita e com o centro, Zeca transgrediu o pensamento da Casa Grande acerca do que esperar dos corpos pretos e zera qualquer rejeição à sua música. Eu, que nasci preto, na Baixada, e faço audiovisual desde criancinha,

“Zeca é um Brasil possível... um Brasil preto e potente... resultante de um sistema que deu errado” **SILVIO GUINDANE**

Pouca gente cantou o Brasil com o Zeca, que é um dos pilares da minha formação musical” **MOSQUITO**

Depois que eu conheci a Mônica pessoalmente, eu entendi tudo daquela relação: ela é a força do Zeca. Merece ser homenageada em qualquer discurso que se faça sobre o Zeca, pois ela sempre soube acolhê-lo, sempre esteve lá para apoiá-lo, como homem, como artista” **TALITA YOUNAN**

Zeca é aquele cavalinho que sai em último lugar na raia, mas cruza a linha de chegada em primeiro, sem que ninguém apostasse naquele pangaré. Ali está a jornada” **ROBERTO FAUSTINO**

quando pegava três ônibus para voltar para casa, quero colocar na tela a pessoa Zeca. Uma pessoa que está na base da população. E eu o faço sem cagação de regra, confiante apenas na retórica que está nas canções dele”.

Ex-feirante, ex-camelô, ex-office-boy, ex-contínuo e ex-anotador do bicho, Jessé se torna Zeca nos acordes do partido-alto, na convivência com sambistas experientes, que formaram a base de seu estilo autêntico, espontâneo. No Cacique de Ramos, a lagarta virou borboleta, ao som do batuque e no calor das amizades (e das parcerias) com Arlindo Cruz, Almir Guineto, Beto Sem Braço, Jorge Aragão, Bira Presidente e a diva Beth Carvalho.

“Ele vem de um Rio menos tu-

ristico, que não perde a carioquice”, diz Nonato Estrela, um dos mais experientes diretores de fotografia da América Latina, que vem mantendo um casamento estético dos mais felizes com Guindane, numa parceria de luz e câmera que é pura ação. “Eu venho de Hugo Carvana, de José Joffily, diretores que têm um espírito cronista no olhar para o Rio, e encontro o Silvinho... um baita ator... agora como diretor, a demonstrar uma capacidade criativa digna desses mestres. É um artista que está descobrindo sua linguagem falando, nesse projeto sobre o Zeca, de uma perspectiva romântica, de cinema italiano, sobre o Rio”.

Parte desse clima romântico, de que Nonato fala, remonta à



Silvio Guindane orienta Mosquito no set de filmagens



Quando as filmagens passaram por Xerém Zeca levou Antônio Pitanga para passear em seu famoso triciclo



A maquiadora Fabiola Gomez prepara Mosquito e Talita Younan, que interpreta Mônica, amor e pilar de Zeca



O clã de Zeca ganha vida: Ângelo Antônio (Seu Jessé) e Aline Borges (Dona Irinêia)

presença de Mônica Silva, paixão da vida de Zeca, em sua travessia da juventude pobre ao sucesso da maturidade. Talita Younan é quem interpreta essa figura que é um signo de força feminina.

“Depois que eu conheci a Mônica pessoalmente, eu entendi tudo daquela relação: ela é a força do Zeca. Merece ser homenageada em qualquer discurso que se faça sobre o Zeca, pois ela sempre soube acolhê-lo, sempre esteve lá para apoiá-lo, como homem, como artista”, exalta Talita, constatando, no coração da Zona Norte, uma verdade sobre o protagonista de “Deixa a Vida Me Levar”. “Em qualquer lugar desse país que você for, vai ter um lugar tocando as músicas do Zeca”.

Ao lado dela, um expoente da nova geração de bardos do RJ, Arlindinho, preparava-se para contracenar com Mosquito, de quem é amigo e parceiro musical na vida privada. Ele interpreta o próprio pai, Arlindo Domingos da Cruz Filho, que morreu no dia 8 de agosto de 2025, aos 66 anos. Faz jus, em cena, ao hino imortalizado pelo pai, aquele “O Show Tem Que Continuar”, imortalizado nos tímpanos deste país.

“Zeca é um padrinho que acompanha a minha caminhada desde os meus primeiros dias de vida, com quem eu já bebi muita cerveja. Esse filme, de uma certa forma, é uma extensão da minha vida. É duplamente uma eternização de amizades. De um lado a

amizade do Zeca com o meu pai e, do outro, a amizade minha pelo Mosquito”, explica Arlindinho.

Pertinho dele, estava Ângelo Antônio, intérprete de Seu Jessé. Na ocasião da visita do Correio – o feriado de Corpus Christi –, o astro celebrava seu aniversário. Uma vez mais, a estrela de “2 Filhos de Francisco” (2005) se encontra às voltas com uma figura paterna forte.

“Jessé é tranquilo, fala baixinho, carrega amor por aquele filho”, diz ator, celebrizado como o Beija-Flor de “O Dono do Mundo” (1991) antes de ser abraçado pelo cinema.

Um mesmo abraço se ensaia sobre Mosquito na rodagem de “Deixa a Vida Me Levar”, cuja dramaturgia vai de 1982 a 1995, inspirada no livro “Zeca: Deixa o Samba Me Levar”, de Jane Barbosa e Leonardo Bruno. Com produção de Marco Altberg, fundador e CEO da Indiana Produções, longa foi roteirizada por Roberto Faustino, que também é coprodutor.

“Zeca trazia consigo várias boas histórias de vida... muitas, mas não necessariamente elas davam filme, sobretudo, um bom filme, que é a nossa meta. A partir delas, eu busquei um recorte, que dura 13 anos e me apresenta um anti-herói muito brasileiro”, diz Faustino. “Zeca é aquele cavalinho que sai em último lugar na raia, mas cruza a linha de chegada em primeiro, sem que ninguém apostasse naquele pangaré. Ali está a jornada”.

Já no forno, “Deixa a Vida Me Levar” tem patrocínio da Ambev e da Naturgy, distribuição da Paris Filmes e coprodução da Claro, Riofilme, FSA/Ancine. É uma mirada que tempera o social com uma esperança pagodeira. Não por acaso, o próprio Zeca acompanhou as gravações ao lado da equipe do filme, nas tomadas em Xerém, e encontrou seu amigo de longa data, o ator e diretor Antônio Pitanga, participando de sequências que prometem surpresa e, pra ganhar o nosso amor, darão rasteira na nossa emoção.

“Uma vez, o Cacá Diegues, um dos meus mestres, disse: ‘Eu não tenho compromisso com a miséria, mas tenho o dever de dar protagonismo aos miseráveis’. Eu levo essa frase bonita e generosa para a travessia do Zeca, um artista do Irajá que foi para Xerém, já consagrado, num gesto de quebrar com o sistema, sem vestir o paletó de capitão do mato oferecido aos pretos a quem a elite deseja ter por perto”, analisa Guindane, que trouxe de “Mussum, O Filmis” a iluminada sabedoria de Nonato, parte da equipe técnica e Ailton Graça, escalado para viver um tio determinante no crescimento de Zeca. “Biografar uma pessoa viva é um desafio. Mas essa pessoa que é o Pagodinho compensa a bronca. Ele dá orgulho”.

Modo 'globetrotter' de animar

Curtas e longas nacionais de animação espalham-se pelos maiores festivais do Velho Mundo, afirmando a vitalidade da produção em diferentes técnicas

ANNECY
FESTIVAL

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Orfãs do Anima Mundi (1993-2019), paralisado na Era Bolsonaro, as animações brasileiras aprenderam a ser globetrotters. Elas seguem ampliando fronteiras, aqui e no exterior, mesmo com a queda de público nas salas e a hegemonia das superproduções hollywoodianas, transformando 2026 num dos anos de mais forte cosmopolitismo já vividos pelo setor. Lotamos - com curtas e o longa "O Filho da Puta" - várias sessões no Festival Annecy, na França, que começou no domingo e segue, terça-feira adentro, na sua intensa programação profissional com o início do Mifa.

É esse o nome dado ao principal mercado mundial de narrativas animadas. Enquanto uma série de cineastas de vários cantos do país tentam sorte no evento, encarado como se fosse o Festival de Cannes para quem faz desenho animado, seguimos em cartaz in loco, em casa, com o eletrizante exemplar do filão nordestern "Cordélicos - A Origem do Cabra da Peste". No Rio, esse faroeste sabor macaxeira está em sessões diárias no Kinoplex Boulevard.

Em meio ao bonde de filmes brasileiros que circula pelas diferentes mostras de Annecy, outro título nacional animado ganha destaque do outro lado do planeta. Na China, "Amadeo e o Hipotético Mundo Novo", dirigido por Brenda Lígia e Edu Felistoque, integra a competição do Festival Internacional de Cinema de Xangai, um dos eventos cinematográficos mais importantes da Ásia. O longa apresenta uma fantasia histórica ambientada no Brasil de 1830 e acompanha Amadeo, jovem negro de origem africana, sensível e genial, que inventa a câmera fotográfica



Divulgação

'O Filho da Puta' pode premiar o cinema nacional em Annecy



Divulgação

'Papaya', que vai representar o Brasil no Festival de Munique, fez barulho na Berlinale



Divulgação

'Amadeo e o Hipotético Mundo Novo', de Brenda Lígia e Edu Felistoque, leva animação brasileira para as telas da China

antes dos europeus. Com sua criação, ele passa a auxiliar a libertação de pessoas escravizadas enquanto vive uma paixão impossível pela filha de um poderoso barão.

"É uma alegria ver nosso filme 'Amadeo' nascendo do outro lado

do mundo", afirmou Brenda Lígia no material de divulgação da produção. "Nossa animação é muito plural, pois é composta por uma equipe diversa".

Paralelamente, outra produção brasileira segue viagem pela

Europa. "Papaya", longa dirigido por Priscilla Kellen, exibido antes na Berlinale e no BAFICI (Buenos Aires) prepara sua passagem pelo Festival de Munique, cuja edição de 2026 acontece entre 26 de junho e 5 de julho, reforçando

a presença do Brasil em alguns dos mais importantes eventos cinematográficos do calendário internacional. O festival alemão é considerado o maior evento de cinema de verão do país e um dos mais relevantes da Europa para lançamentos e descobertas de novos talentos.

Banho de sinestesia, com um colorido lisérgico sintonizado com a musicalidade de Tulipa Ruiz, "Papaya" é uma aventura a um só tempo ecológica e existencialista segue os rastros de um carocinho de mamão que não aceita se fincar na terra para firmar raiz e estagnar. Observando uma joaninha voar, a protagonista desta dulcíssima animação quer singrar céus, ainda que não tenha asas. Ao perceber a violência do predatismo industrial da agricultura, ela repensa o que é liberdade. O trabalho de montagem de Elaine Steola é de uma destreza ímpar.

Entre Annecy, Xangai e Munique, a animação brasileira confirma uma rara capacidade de ocupar simultaneamente os centros decisórios do mercado internacional e os grandes palcos de exibição artística. Num momento em que o país amplia sua visibilidade global no audiovisual, personagens como Amadeo, a pequena semente voadora de Papaya e os cangaieiros de Cordélicos demonstram que a criatividade brasileira continua encontrando caminhos cada vez mais largos para circular Terra adentro. Em maio, em Cannes, um dos projetos latinos a passar pelo Marché du Film foi "La Marca del Jaguar", que une Brasil e México, sob a realização de Victor Mayorga. A produtora brasileira Origem Content, de Ducca Rios e Maria Luiza Barros — conhecida por Meu Tio José e Revoada - Versão Steampunk —, em sinergia com a distribuidora Tucuman/Fênix, liderada por Priscila Miranda do Rosário, associa-se à mexicana Ocelotl Company para levar o projeto ao circuito internacional. No argumento, Xilacatzin, uma jovem guerreira que ostenta a marca do jaguar no peito, vive uma aventura épica quando a deusa Itz'papatl rouba os ossos sagrados do Templo Mayor, ameaçando aniquilar a humanidade. Injustamente acusada do roubo, Xilacatzin foge para recuperar os ossos e salvar o mundo.

Nesta quarta, Annecy confere a delícia francesa "Blaise", de Dimitri Planchon e Jean-Paul Guiguie. Em sua trama, a família Sauvage só quer ser amada. A matriarca, Carole, sabe que seus funcionários a odeiam. Jacques, seu marido, sente-se menosprezado, e o filho deles, Blaise, é um introvertido de 16 anos sem muita convicção, que sempre concorda com tudo, ainda que de forma hesitante... exatamente como faz com Joséphine. Ela também é ativista e está pronta para causar a maior confusão.

Annecy segue até domingo.

Batuque é coisa séria

Seminário promovido pelo MinC discute economia e preservação das rodas de samba

Reprodução de vídeo



AFFONSO NUNES

O Rio sedia nesta semana, entre segunda e quarta-feira (22 a 24) o 1º Seminário Nacional das Rodas de Samba, encontro que coloca as manifestações de samba no centro de um debate sobre economia criativa, patrimônio cultural e políticas públicas. O evento, realizado pelo Ministério da Cultura, reúne sambistas de diferentes gerações, pesquisadores, gestores públicos e lideranças culturais de todo o país.

A programação acontece em dois espaços simbólicos da cultura carioca: o Palácio Gustavo Capanema, sede histórica do MinC, nos dias 22 e 23, e o Renascença Clube, no dia 24. O seminário é organizado em torno de quatro eixos temáticos: economia do samba e economia criativa das ruas; memória, identidade, território e patrimônio; inovação e novas gerações; e políticas públicas com participação social.

A abertura, na manhã do dia 22, traz uma conferência com Sereno, fundador do Fundo de Quintal, Wanderso Luna da Rede Carioca de Rodas de Samba, a deputada federal Benedita da Silva — autora da Lei da Salvaguarda do Samba — e Dorina Barros, do coletivo Mulheres na Roda de Samba. O primeiro painel do dia discute economia do samba com João Grand Jr., Anderson Lins do SESC RJ, Marquinhos de Oswaldo Cruz e Ellen Oliveira, do Festival Divas do Samba.

No segundo dia, a programação aprofunda questões de memória e identidade com Helena Theodoro, que aborda a trajetória de Tia Ciata; Samora Lopes, do Banjo Novo, falando sobre o samba baiano; Tadeu Kaçula, sobre o samba paulistano; e Fabiola Machado, sobre as rodas cariocas. À tarde, o seminário discute inovação e novas gerações com Nilcemar Nogueira, do Dossiê Matrizes do Samba, Simony Maia, da Agência Mural de Jornalismo das Periferias, e Dani Miranda, do Blog de Samba. Um segundo painel reúne Rafa Rafuagi, Rogério Família, Aline Calixto e Cláudia Ajeum para debater arti-



Moacyr Luz



Teresa Cristina



Nei Lopes



Dorina



Sereno



Marquinhos de Oswaldo Cruz

culação cultural e movimento.

O encerramento, no dia 24, traz uma mesa com Nei Lopes —

compositor, pesquisador e historiador especializado em estudos afro-brasileiros — Teresa Cristina,

Moacyr Luz e Márcio Tavares, secretário-executivo do MinC. À noite, uma roda de samba coman-

dada por Marcelinho Moreira homenageia Tia Surica.

Mais do que mero entretenimento, as rodas de samba são redes de sociabilidade da população, preservam as tradições afro-brasileiras e gera renda. Presentes em milhares de comunidades, movimentam trabalhadores da cultura, fortalecem identidades locais e mantêm vivas práticas que atravessam gerações. O seminário reconhece essa importância ao colocar as rodas como objeto de reflexão sobre desenvolvimento territorial e economia criativa — temas que ganham relevância em um contexto onde políticas públicas para cultura ainda enfrentam desafios de financiamento e reconhecimento institucional.

O encontro também marca uma mudança de perspectiva: em vez de tratar o samba apenas como patrimônio a ser preservado, o seminário o aborda como força econômica e social viva, capaz de gerar renda, ocupar espaços públicos e transformar territórios. A participação de gestores públicos, deputados e representantes de instituições como Funarte e Iphan aproxima o movimento das rodas de samba das agendas de políticas públicas — ação que pode resultar em ações concretas de fomento e salvaguarda.

SERVIÇO

1º SEMINÁRIO NACIONAL DAS RODAS DE SAMBA: CIDADE, PATRIMÔNIO E DESENVOLVIMENTO

22, 23 e 24/6

Palácio Gustavo Capanema (Rua da Imprensa, 16, Centro)
Renascença Clube (Rua Barão de São Francisco, 54, Andaraí)
Entrada franca

CORREIO CULTURAL



Divulgação

A exposição 'Viva Maurício' alavancou as visitas neste semestre

CCBB Rio alcança a marca de 1 milhão de visitantes em 2026

O Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro, marco do início do investimento do Banco do Brasil em cultura e um dos museus mais visitados do mundo, alcança a marca de 1 milhão de visitantes logo no primeiro semestre de 2026. O número foi impulsionado pelo fenômeno "Viva Maurício - Maurício de Sousa, a experiência imersiva", exposição que chegou a quase 800 mil visitantes em

pouco mais de 4 meses, com grandes filas no entorno do prédio.

O CCBB segue com programação intensa e aderência do público, que permanece lotando as salas de exposição com mostra dedicada ao trabalho do ilustrador japonês Yoshitaka Amano ("Além da Fantasia") e uma grande retrospectiva do artista brasileiro Vik Muniz ("Vik Muniz - a olho nu").

Presença no ranking

O cenário demonstra que em breve o CCBB Rio deve ultrapassar o número de público de 2025 (1,14 milhão), que o fez ocupar a 67ª posição entre os museus de arte mais visitados do mundo no ranking da revista The Art Newspaper (Visitor Figures 2025, divulgado em abril de 2026). O CCBB Rio aparece de forma contínua no ranking desde 2011, consolidando sua relevância internacional.

O Mundo Negro

O Ipeafro realiza nesta quinta (25) o último encontro do ciclo de leituras e debates Pensando o Mundo Negro, na Caixa Cultural. Com o tema Teatro, a atividade encerra uma programação de debates sobre pensamento negro, cultura, educação, artes e memória.

O Mundo Negro II

O encontro marca a celebração à fundação do instituto, que aconteceu em 1981 por Abdias Nascimento e Elisa Larkin Nascimento, reforçando sua atuação na preservação, gestão e difusão do legado de Abdias e de todas as organizações que este grande multiartista criou.

Nina Tomsic estreia como diretora

Conhecida por seu trabalho em produções como "Quanto Mais Vida, Melhor!" e "No Rancho Fundo", entre outros, a atriz Nina Tomsic inaugura uma nova etapa em sua trajetória artística: a estreia como diretora teatral à frente de "Angélica". "Gosto muito de olhar as coisas de fora, pensar criativamente, mesmo como atriz eu sempre gostei de construir junto", conta.



Maju Magalhães/Divulgação



Renato Mangolim/Divulgação

A linguagem estética da coreografia criada por Esther Weitzman para o espetáculo se caracteriza pelo diálogo entre o vigor e a força do movimento com o silêncio e a pausa

Movimento, presença e escuta

Seis bailarinos na faixa dos 40 anos investigam movimento e presença no espetáculo 'Matéria'

A Esther Weitzman Companhia de Dança retorna aos palcos cariocas com "Matéria", espetáculo que coloca seis intérpretes-criadores na faixa dos 40 anos em investigação contínua sobre movimento, presença e escuta. Entre 25 e 28 de junho, a temporada ocupa o Teatro Municipal Carlos Gomes, na Praça Tiradentes, no Centro do Rio, com uma sessão de abertura gratuita e audiodescrição no dia 25.

O trabalho nasce de uma pesquisa sensorial desenvolvida pela companhia ao longo de seus 26 anos de atuação. Diferente de uma composição coreográfica tradicional, "Matéria" propõe um jogo contínuo entre os corpos em cena — Bia Peixoto, Edney D'Conti, Fagner Santos, Milena Codeço, Rodrigo Gondim e Pedro Quaresma constroem a dança a partir de momentos de improvisação e

troca, onde a escuta entre os intérpretes define o que acontece no palco. A coreógrafa e diretora Esther Weitzman descreve o espetáculo como resultado de um desejo de conexão e pertencimento, onde o trabalho revela a capacidade de se maravilhar com o universo e a complexidade da vida.

O espetáculo estreou no ano passado no Sesc Copacabana, pelo Edital Sesc RJ Pulsar, e seguiu em temporada no Teatro Cacilda Becker. Agora, com apoio da Secretaria Municipal de Cultura e Nasajon, ganha nova apresentação. A linguagem estética de Weitzman caracteriza-se pelo diálogo entre o vigor e a força do movimento com o silêncio e a pausa — uma dramaturgia em que o peso do corpo estabelece sua própria partitura.

Além das apresentações, a programação inclui a oficina gratuita "Dança para Todos", ministrada por Esther Weitzman neste sábado (27), das 14h às

16h, voltada para pessoas entre 18 e 65 anos. A atividade propõe uma investigação da comunicação do movimento em contexto contemporâneo, estimulando a percepção do momento presente e a singularidade de cada corpo. As inscrições ocorrem por formulário disponível no Instagram @weitzmanciadandanca.

A companhia, fundada em 1999, consolidou-se no cenário da dança carioca pela combinação entre criação artística e atividade didática. Sediada no Studio Casa de Pedra — Centro de Educação e Arte do Movimento —, a companhia desenvolve ações continuadas de pesquisa, formação e difusão, alinhando-se aos grandes grupos da cidade. Entre 29 de junho e 5 de julho, "Matéria" também estará disponível em versão com audiodescrição no Vimeo da companhia, ampliando o acesso ao trabalho.

SERVIÇO

MATÉRIA

Teatro Municipal Carlos Gomes (Praça Tiradentes, Centro)
De 25 a 28/6, quinta e sexta (19h) | sábado e domingo (17h)*
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

*Sessão gratuita com audiodescrição em 25/6
De 29/6 a 5/7: versão com audiodescrição no Vimeo da companhia
OFICINA DANÇA PARA TODOS
27/6, das 14h às 16h
Inscrições: @weitzmanciadandanca (Instagram)



Imagem criada com a IA Gemini Flash Image

AFFONSO NUNES

Quando o assunto é Copa do Mundo, é natural que o foco esteja nos gramados, nos craques e nas emoções que só o futebol sabe oferecer. Mas, discretamente, outro campeonato acontece paralelo ao torneio: o dos países que, além de disputar a taça, também produzem alguns dos vinhos mais interessantes do planeta. Entre as 48 seleções da edição de 2026, 22 produzem vinhos nos mais variados estilos - um verdadeiro mosaico de tradições vitivinícolas e histórias pra contar.

Alguns países chegam como favoritos incontestáveis, com séculos de história engarrafada. França, Espanha, Alemanha, Áustria, Portugal, Croácia e Suí-

Nesta Copa tem bola na rede e vinho na taça

Dos 48 países participantes do Mundial, 22 produzem vinhos nos mais variados estilos. São sabores, aromas e muita história pra contar

ça representam o Velho Mundo com toda a classe que se espera: vinhos elegantes, precisos, que expressam o terroir com a mes-

ma naturalidade com que seus craques movimentam a bola. Até mesmo regiões antes discretas, como Inglaterra e Bélgica, ga-

nam destaque com espumantes de clima frio.

Do outro lado, o Novo Mundo entra em campo com potência

e ousadia. Países como Argentina, Chile, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul trazem vinhos vibrantes, marcados por fruta abundante, liberdade criativa e tecnologia. Cada gole é quase um ataque em profundidade: Malbec argentino cheio de garra, Sauvignon Blanc neozelandês eletrizante, Cabernet californiano que domina o meio-campo.

Há também aqueles que participam de forma mais discreta, mas não menos charmosa. Marrocos, Tunísia, Argélia, Egito, Coreia do Sul e Cabo Verde produzem vinhos que, embora menos conhecidos, carregam histórias curiosas — do Mediterrâneo ao Atlântico, passando até por vinhedos plantados em solos vulcânicos.

E claro, o Brasil. Nossa pátria marca presença com a confiança de quem evoluiu muito no setor. Seus espumantes conquistam prêmios, seus Merlots e Tannats ganham corpo e personalidade, e regiões como Serra Gaúcha, Campanha Gaúcha e Vale do São Francisco mostram que o país não vive só de futebol, mas também de borbulhas e tintos de respeito.

No fim, a beleza está justamente nessa mistura. A Copa 2026 coloca frente a frente estilos de jogo — e estilos de vinho — que variam do delicado ao intenso, do tradicional ao disruptivo. Para quem acompanha tudo com uma taça na mão, é uma oportunidade perfeita de viajar pelo mundo sem sair do sofá, descobrindo como cada país traduz sua alma tanto no campo quanto no vinhedo.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Divulgação

Menu da Copa

O Empório Farinha Pura preparou uma experiência para os apaixonados por futebol durante a Copa. Durante o período da competição, a casa estará com o Menu Experiências do Mundo, assinado pelo chef João Lucas Baggio, com pratos inspirados nas tradições culinárias de diferentes países. Destaque para sanduíches como o Pernil Brasileiro (R\$ 59), com pernil assado, provolone, cebolas caramelizadas e aioli da casa em baguete crocante e o Choripán Porteño (R\$ 59) com linguiça toscana, provolone e chimichurri em ciabatta.



Raphael Nogueira/Divulgação

Finalmente presencial

A pizzaria Forneria Original celebra 10 anos de trajetória com a inauguração do Espaço Original, seu primeiro ponto de operação presencial no Rio. Localizado no Recreio, bairro onde a marca nasceu, o food hall reúne sete operações gastronômicas do grupo em um único endereço. Com mais de 550 m², 195 lugares, bar central e sistema de pedidos totalmente automatizado, o espaço aposta em praticidade, variedade e conveniência. O projeto marca uma nova fase da empresa sem perder a essência que a consolidou no delivery.



Divulgação

Brunch e café al mare

A chef Andréa Tinoco acaba de lançar um menu de café da manhã e brunch no quiosque Pato com Laranja, na Barra da Tijuca. Servido aos sábados, domingos e feriados, das 8h às 11h, o cardápio reúne opções como o Breakfast Sandwich (R\$ 26), preparado com brioche, requeijão, queijo meia cura, ovo e bacon; o Queijo Quente no sourdough com queijo meia cura e cebola caramelizada (R\$ 34); o Misto Quente no sourdough, queijo meia cura e presunto (R\$ 39); e o Omelete Clássico com queijo meia cura e tomate (R\$ 32).

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Luares Cariocas

Há cidades que pertencem ao sol. O Rio de Janeiro pertence também à lua. Pouca gente presta atenção, mas a Cidade Maravilhosa muda de personalidade quando o astro da noite assume o comando do céu. O Rio diurno é conhecido de todos: praias cheias, buzinas apressadas, vendedores ambulantes, guarda-sóis coloridos. Já o Rio iluminado pela lua é outro. Mais silencioso, mais romântico, mais misterioso. Um Rio que parece posar para uma fotografia em preto e branco.

Numa noite de lua cheia, basta caminhar pela orla de Copacabana para entender. O mar deixa de ser apenas mar. Torna-se um espelho inquieto, recortado por trilhas prateadas que dançam sobre as ondas. A cada arrebentação, a luz se desfaz e se recompõe, como se alguém estivesse revelando fotografias líquidas no laboratório da natureza.

Da Praia Vermelha, aos pés do Pão de Açúcar, a lua surge devagar atrás das montanhas, desenhando contornos que durante o dia passam despercebidos. O morro ganha sombras profundas, as pedras ficam douradas de prata e os barcos ancorados parecem adormecer sobre a baía. É um espetáculo gratuito e diário, embora muitos cariocas, acostumados à beleza, já não o percebam.

Na Lagoa Rodrigo de Freitas, o luar encontra um de seus palcos preferidos. A água serena acolhe o reflexo da lua como uma moldura acolhe um retrato. Ciclistas reduzem o ritmo sem perceber. Casais silenciam. Até os remadores parecem respeitar aquele instante em que céu e lagoa conversam sem palavras.

Há também os luares vistos dos morros. Do alto de Santa Teresa, por exemplo, a cidade acende suas luzes enquanto a lua paira sobre a Baía de Guanabara. Lá de cima, o Rio parece uma constelação espalhada entre montanhas. É difícil saber onde terminam as estrelas do céu e começam as estrelas da cidade.

Mas nem toda lua carioca é cheia e exuberante. Há encanto também na lua crescente, tímida e delicada, pousada sobre o Cristo Redentor como um adereço cuidadosamente colocado por um cenógrafo celestial. E existe poesia na lua minguante, quando a madrugada pertence apenas aos pescadores, vigias, boêmios e fotógrafos que insistem em conversar com a noite.

Talvez por isso os luares cariocas sejam tão especiais. Não iluminam apenas a paisagem; iluminam memórias. Cada carioca guarda uma história sob alguma lua. Um beijo na praia, uma conversa na calçada, um retorno para casa depois de uma festa, um instante de contemplação diante do mar.

Enquanto observava a lua refletida nas águas escuras da enseada, pensei que o Rio tem a rara capacidade de ser belo em qualquer horário. Mas há uma elegância particular quando a cidade se veste de luar. Como uma velha atriz que dispensa maquiagem e, ainda assim, encanta a plateia.

E a lua, generosa e cúmplice, continua voltando todas as noites para iluminar a mais famosa das paisagens brasileiras, como quem nunca se cansa de admirar a Cidade Maravilhosa. Afinal, algumas belezas nasceram para ser vistas ao sol. Outras, para serem lembradas à luz da lua. O Rio tem a sorte de possuir as duas.

